

A pesquisa que aqui apresentamos, diz respeito a um estudo qualitativo com três grupos de mulheres: estudantes do Curso de Pedagogia da UFRGS as quais, matriculadas no 7º semestre, realizam seu estágio de docência com turmas de Educação de Jovens e Adultos; professoras de artesanato que atuam na OnG Maria Mulher (Vila Cruzeiro) e na Associação Inter-Comunitária de Atendimento Social (AICAS); e professoras regentes das turmas que recebem as estagiárias. Inicialmente pensávamos em proporcionar grupos de discussão periódicos com estas mulheres, porém houve uma mudança nos rumos da pesquisa e estamos entrevistando as estagiárias, observando as professoras de artesanato e realizando atividades de extensão, a fim de problematizar “Pedagogias da não-formalidade ou das tramas complexas” (CUNHA, 2010), onde possamos receber as professoras regentes. Tal estudo objetiva, através do tensionamento de pedagogias escolares e não-escolares, um aprimoramento das propostas educativas com turmas de EJA nos Anos Iniciais, bem como, a valorização do conhecimento tácito que integra o cotidiano de mulheres artesãs, as quais, muitas vezes, fazem do artesanato, alternativa viável para as suas tentativas de emancipação. Também, busca-se que as propostas pedagógicas elaboradas pelas estudantes tenham por princípio que o conhecimento construído pelas mulheres como, por exemplo, o artesanato, não seja apenas ilustrativo da/na prática, mas sim, pressuposto para problematizar concepções de ensino e aprendizagem. Pensamos que esta “epistemologia da vida ordinária” (GEBARA, 2008) deve fazer parte do processo educativo não apenas como ponte para o conhecimento sistematizado (escolar), mas também como elemento de análise e mudança da própria metodologia de ensino que se efetiva na Educação de Jovens e Adultos, tendo em vista que há muitas práticas infantilizadas. Neste momento: apresentamos a pesquisa para o grupo de estagiárias (2012/1), realizamos entrevistas com as mesmas e visitamos os grupos de artesanato. Em 2011/1, entrevistamos duas estudantes em estágio de docência, as quais chamamos de *Sol* e *Lua* que participaram de atividades de extensão vinculadas ao projeto. A partir das entrevistas foi possível perceber que suas práticas convergiam com os elementos de análise propostos por Cunha (2010) para as Pedagogias da não-formalidade. Com relação à corporeidade, identificamos que *Sol* e *Lua* consideram que os estudantes não se restringem a “uma mente onde se depositam conhecimentos”, mas que apresentam nas aulas sua “corporeidade” (corpo e mente indissociáveis), para tanto, propuseram aos estudantes sair do “enclausuramento” da sala de aula. Consideraram, também que um contato “corpo-a-corpo” com estes educandos é primordial. Para as estudantes, estes momentos diferenciados na escola, contribuem na sensibilização dos educandos, chamando-os à participação e promovendo saúde mental. Além da possibilidade de reflexão, os educandos têm a experiência de se perceberem como sujeitos capazes de aprender (estética do trabalho – expressando o significado das aprendizagens). Estes aspectos contribuem com seus processos emancipatórios, já que sua autonomia é elemento fundamental na prática educativa. Na continuidade deste estudo percebemos a centralidade do diálogo/interação das professoras artesãs com as mulheres de ambos os grupos, o que pretendemos problematizar com as estudantes em estágio de docência.